

Karajá, índios como antigamente

Antropólogo transforma em livro
sua pesquisa de campo nas
aldeias da Ilha do Bananal

ANTÔNIO LISBOA

Em capitais como Brasília tornou-se comum a presença de índios em sessão de filmes pornôs e entre barracas vendendo bugigangas do Paraguai. Em relação aos mais jovens, há os que desfilam no mais autêntico estilo grunge, com bermudão xadrez, camisas grandes, em tecido desbotado. Para completar, o inseparável brinquinho na orelha. Outros, preferem enfrentar a luminosidade solar com óculos escuros.

Definitivamente, o índio brasileiro já não é mais o mesmo. Esse processo degenerativo vem de longa data. Teve início quando as populações indígenas começaram a receber in-

fluência da cultura branca, assimilando hábitos nem sempre saudáveis. O fato divide as opiniões dos estudiosos. Há os que veem um caminho sem volta. Com isso, defendem cada vez mais a assimilação dos costumes brancos. Inclusive a adesão incondicional aos modismos. "Afinal, o índio tem mais é que se integrar à vida civilizada e usufruir de todos os benefícios da tecnologia."

Em caminho inverso, existem aqueles que propõem uma espécie de "retorno às origens". O que significa desejar ver o índio em sua aldeia, mantendo todos os hábitos e rituais de sua cultura. Parece ser esta a postura

também do professor Manuel Ferreira Lima Filho do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás. Ele acaba de transformar em livro - pela Editora da UCG - sua pesquisa de campo entre os Karajá de Santa Isabel do Morro.

O livro de Manuel Filho tem o quase impronunciável título de *Hetohoky - um rito Karajá*. É exatamente a festa de iniciação masculina dos jovens desse grupo indígena o aspecto que mais chamou a atenção do antropólogo. Como se preparasse o enredo de uma grande produção, Manuel Filho segue os passos da nação



DERIDU

Fiel às suas tradições, os Karajá enfeitam até mesmo suas crianças pequenas

Karajá apresentando o cenário mágico do Rio Araguaia, que esses índios chamam de *Berohoky* - sílaba final *cã* - ou "o grande rio". Mais ou menos no meio do seu trajeto, ele se bi-

furca e forma a Ilha do Bananal, com 300 quilômetros de extensão em formato de elipse.

Embora haja a inevitável presença das notas de rodapé que marcam as

pesquisas acadêmicas, a obra de Manuel Filho é descritiva, quando ele anota detalhes das aldeias, características do ambiente, das pessoas, dos hábitos... É eminentemente narrativa quando, por exemplo, o antropólogo remete o leitor a dados históricos e a relatos de sua epopéia sertaneja pelos confins da grande ilha. O pesquisador confessa ter aprendido muito com a cultura karajá. Tendo assistido à morte - por malária e suicídio - de algumas pessoas com quem conviveu durante o trabalho, Manuel Filho precisou reformular seus conceitos de vida e morte. Superou as emoções iniciais e anotou o comportamento karajá em relação ao fim desta vida.

Assim, o professor constatou que "a morte Karajá é uma reelaboração da vida. Nas aldeias dos mortos a família fica unida. Lá existem festas como a do *Hetohoky* e a dos Aruanãs. A morte é uma volta para a origem, onde não há madeira podre ou o canto da seriema, sinais da condição mortal dos homens". Antes de tudo, porém, o pesquisador anota que o *Hetohoky* é sinônimo de vitalidade. É a iniciação do menino Karajá na vida adulta. Começa na idade de seis ou sete anos, quando o garoto tem o lábio inferior perfurado. Por fim, o ritual busca preparar o indivíduo para a vida sob diversos aspectos, como o místico, sexual e emocional, entre outros. O livro é mais uma demonstração de sabedoria dos povos indígenas. E ainda tem gente que insiste em chamá-los de "selvagens".